

Caçadores de sonhos

JOSÉ SARNEY

Passamos três dias, ex-chefes de Estado e de governo do mundo inteiro, envolvidos pela paixão da vida pública, no Rio de Janeiro, discutindo, analisando, procurando desvendar o futuro, na reunião do Conselho de Interação, que há 17 anos se reúne anualmente, em algum lugar do mundo, para meditar sobre a situação internacional.

O que move o homem público, o verdadeiro homem de Estado? Em primeiro lugar um condicionamento de só saber pensar coletivamente, sempre na abrangência do que vai mais longe do que seus achaques individuais, interesses e dores de dente. Depois, o principal e razão de vida, desejo de melhorar o mundo, sua pátria, seu país, seu povo, todos os povos. É comovente ver Helmut Schmidt, Lord Callagan, Trudeau, Kurt Furgler, Malcolm Frazer, Carter e tantos outros, envelhecidos no serviço da humanidade a dedicarem-se anos e anos ao estudo de sugestões e recomendações para ajudar no enfrentamento dos problemas.

Discutem a crise asiática que varreu como um furacão aquele continente e deixou estragos. Ela nos ensinou, depois do exemplo do México, a vulnerabilidade dos países, os perigos da globalização financeira que tornou alguns grupos de especuladores mais fortes que os Estados nacionais, que ficaram à mercê de ataques dessa natureza. É necessário que a comunidade internacional se mova.

Por outro lado, em países como o nosso, colocar o econômico acima das necessidades sociais nos leva a grandes perigos. São essenciais políticas sociais compensatórias.

JORNAL DO BRASIL

08 MAI 1998

Perguntei, em 1988, a Deng Xiaoping como ele via o futuro da humanidade. Ele me respondeu que vislumbrava um grande período de paz. É o que desejamos. Mas nas nossas discussões no InterAction os receios são de que tenhamos um século 21 de guerras localizadas, de conflitos regionais e a ameaça de confrontação religiosa entre os bilhões de islâmicos e cristãos. Os fundamentalismos, como numa volta ao passado, nos atemorizam com os fanatismos de crença.

Vem um vento de otimismo da velha Europa. Ela, que enfrentou há 200 anos quatro guerras napoleônicas, depois a de Bismarck e, neste século, as duas Guerras Mundiais, agora se organiza numa comunidade de nações, na criação de uma moeda comum, o euro, que vai nos libertar da ditadura do dólar, criando uma alternativa de moeda de reserva.

A Índia e a China emergem como os grandes gigantes do século que chega. Os 2,5 bilhões de pessoas que ali se concentrarão dentro de mais 30 anos amedrontam. A pobreza se alastra, o desemprego é uma ameaça global, a distribuição de renda é cada vez pior e a África sofrida, onde surgiu o homem, está à margem da história. É preciso pensar que daqui a mais cinco séculos já teremos um novo modelo de governo mundial para gerenciar os problemas de sobrevivência da humanidade.

Enquanto isso não chega, pensemos no presente, na idéia básica de mudar os homens que é a de criar uma sociedade onde ninguém queira para os outros aquilo que não deseja para si.

O mundo melhorou, esse é o balanço. Mas precisa melhorar muito mais. Não somos mais o troglodita das cavernas, mas caçadores de sonhos.

Como diz, com ironia, Sagadine, que foi presidente do último Presidium supremo da ex-URSS: "A situação é boa, mas ainda temos esperança".

José Sarney escreve às sextas-feiras nesta coluna.